



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-estetica-conica/>

## A estética cônica de uma tarrafa

Paulo Cesar Franco [1]

**RESUMO:** O artigo trata de um diálogo entre uma tarrafa, instrumento de pesca artesanal caiçara usada no município de Iguape/SP, e um jovem pescador que vive a indecisão de comprar uma tarrafa pronta ou seguir a tradição do mestre artesão que tecia esse tipo de rede de pesca. Depois de muita insistência da tarrafa, o jovem pescador decide seguir os passos do mestre pecador e dar continuidade a cultura do tecimento da tarrafa. Começa tecendo pela malha inicial até chegar na malha de acréscimo e segue pelo entralho terminando com a colocação do chumbeiro. Durante o tecimento e a formação da estética cônica da tarrafa, a mesma dialoga com o jovem pescador sobre os valores e saberes de experiências da cultura caiçara e a importância da continuidade da sabedoria tradicional de tecer tarrafas. A conclusão da tarrafa se dá numa pescaria onde as malhas descem até o fundo do rio de onde traz os peixes para a alimentação da família do pescador. No final do dia, a tarrafa é acomodada no galho de uma árvore de onde filosofa com o luar da madrugada. Sua missão até ali fora cumprida: convencer o pescador de dar continuidade ao tecimento de uma tarrafa de estética cônica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tarrafa. Estética cônica. Cultura caiçara.

---

### *The conical aesthetics of a tarrafa*

**ABSTRACT:** The article deals with a dialogue between a fishing net, an artisanal caiçara fishing instrument used in the municipality of Iguape / SP, and a young fisherman who lives in indecision to buy a ready net or follow the tradition of the master craftsman who wove this type of fishing net. fishing. After much insistence from the net, the young fisherman decides to follow in the footsteps of the master sinner and continue the culture of the netting of the net. It starts by weaving through the initial mesh until it reaches the addition mesh and continues through the groove ending with the placement of the anchor. During the weaving and the formation of the conical aesthetic of the net, the same dialogues with the young fisherman about the values and knowledge of experiences of the caiçara culture and the importance of the continuity of the traditional wisdom of weaving net. The completion of the net takes place in a fishery where the meshes descend to the bottom of the river from where they bring the fish to feed the fisherman's family. At the end of the day, the net is accommodated on the branch of a tree from where it philosophizes in the early morning moonlight. His mission until then had been accomplished: to convince the fisherman to continue weaving a conical aesthetic net.



**KEYWORD:** Tarrafa. Conical aesthetics. Caiçara culture.

---

As fronteiras entre mundo humano e mundo natural, construídas secularmente pelo pensamento moderno e pela divisão disciplinar do conhecimento, ganham linhas de fuga. Linhas que criam um emaranhado vital de relações e abrem horizontes para imaginar outras subjetividades e outras formas de educar em uma relação intensiva com a vida (Wunder, 2020, p.78).

## Introdução

Queria vir ao mundo através de uma ideia prazerosa. Uma ideia que fizesse meu feitor feliz e propagador da minha estética cônica agradável aos sentidos (Cotrim, 2013, p. 381), mesmo sabendo que o ofício para a minha materialização não seria nada fácil. Torci muito que meu feitor jovem pescador não desistisse de mim, mesmo reconhecendo que não tinha ainda habilidade suficiente para me tecer como fazia o hábil mestre pescador, o ancião que não existia mais em carne e osso...

Esforçava-me pela manhã, durante o dia e ao anoitecer teimando em sua mente e coração para que não desistisse de mim. Às vezes, me sentia insegura quando ele decidia emprestar uma tarrafa do vizinho para pescar. Mais triste e desgastada fiquei quando uma ideia concorrente passou a habitar perto de mim e tentou convencê-lo que haviam muitas tarrafas prontas para serem vendidas. Proclamava a ideia oponente: “para que fazer uma tarrafa?” Lembro-me que numa certa manhã me senti vencida pela ideia opositora quando conseguiu levar o jovem a uma loja de tarrafas. Todas ali eram belas, pois suas estéticas cônicas encantavam os olhos do jovem pescador. Ele imaginava ser proprietário de uma delas sem ter que fazer o esforço para tecê-la.

Eu queria existir através das mãos daquele jovem pescador para que fosse dada a continuidade da linhagem, da tradição, dos saberes de experiências (Larrosa, 2002, p. 27) do mestre pescador que



havia desencarnado. Ele já havia cumprido sua missão na terra e não tinha quem desse continuidade ao seu ofício de tecer tarrafas, instrumento de pesca caiçara, que necessita de um conhecedor da arte de tecer, um “filósofo da pesca”, pensando com Deleuze na filosofia criação (Deleuze, 2013, p.156). Teimava na mente do jovem pescador para que ele se encantasse por minha estética cônica. Que sua capacidade filosófica de criação imaginasse porquê de uma tarrafa começava com poucas malhas e terminava com dezenas delas. Como aquilo acontecia? Qual o sentido daquele modelo cônico de rede? Quem havia inventado aquele tipo de apetrecho de pesca?

Se aquele jovem pescador se convencesse de que ele próprio conseguiria tecer uma tarrafa, eu existiria materialmente e passaria a ser uma resistência artístico e cultural. Através do meu tecimento o jovem pescador talvez passaria a se importar mais com a pesca e se tornaria um mestre artesão e conhecedor da cultura pesqueira caiçara. Quem sabe, começaria a questionar ao modelo consumista que não valoriza os trabalhos artesanais e simples de um pescador. E nesse movimento das mãos, do coração e da mente do tecedor de tarrafas, talvez a comunidade poderia se reunir para conversar sobre a cultura, o território e dar continuidade aos saberes de experiências que poderiam ser compartilhadas por meio do ofício de meu tecimento.

Minha persistência era para que o jovem pescador não desistisse de mim, desta ideia prazerosa que chegou a sua mente. A persistência foi deixando marcas (Rolnik, 2004) que com o passar do tempo se transformaram em sentimentos de saudades, saudade de ver o velho ancião sentado em seu banquinho da varanda de sua casa tecendo sua tarrafa. Ao criar suas tarrafas, o ancião entrava em contato com as pessoas promovendo e fortalecendo a identidade tradicional dos pescadores artesanais caiçaras.

Certo dia o jovem pescador acordou feliz. A imaginação sobre minha estética cônica o impulsionou para o ofício de tecer-me. Eu havia conseguido convencê-lo da importância do trabalho de continuidade do tecimento de uma tarrafa. Era também um compromisso com a ancestralidade



que passava de ancião para ancião. A ideia oponente foi perdendo força na consciência do jovem pescador.

Assim, começou o tecimento de minha existência. Como Foucault dizia, transitar por um “[...] lugar onde eu teria corpo sem corpo” (Foucault, 2009, p. 8). O jovem pescador senta-se por alguns minutos debaixo de uma árvore e na sombra dela põem-se a filosofar. Após sentir, refletir, decidir mentalmente ele toma a firme decisão de me assumir. Escolhe-me porque ele se convence que sou o instrumento de pesca mais necessário naquele momento. Sabe que outros instrumentos de pesca demandam mais pescadores para seu manuseio e no momento não é isso que ele precisa. Eu, a tarrafa, me permito ser manejada solitariamente por um único pescador, ofício que rende mais peixe ao meu dono ou a quem quer que me utilize.

Voltando um pouco a Tale de Mileto, cujo objeto de sua pesquisa (arqué) era a água, suponho que o pescador esteja construindo em sua mente um ideal de tarrafa que se adapte bem ao tipo de água onde ele quer pescar. Sentado à sombra de uma árvore, à beira do Mar Pequeno e agraciado pela cor azul do céu, o voo das garças, o canto do sabiá laranjeira e pelo reponar da maré, começa a me construir. Inicia-se um processo de busca, de construção criativa e conceitual, de relação entre suas mãos, o fio, os sons, as águas, os peixes, as memórias.

De posse de uma agulha, na qual está recolhida a linha que comporá meu corpo, o pescador começa a tecer minha existência. Eu me encontrava ali em potencial. Na mente do pescador de sua experiência de vida, do tempo que ele havia me visto sendo tecido pelo ancião e assimilado em sua subjetividade, na força que a identidade tradicional tem de produzir e de dar continuidade aos valores e saberes seculares.

### **A primeira malha**



A primeira malha foi produzida e enroscada no dedão do pé. Comecei com um círculo de linha e um nó. Na sequência me propaguei para a segunda malha e o segundo nó. Fui me espichando em malhas e nós. Meu crescimento seguia uma sequência de movimentos que envolvia a agulha circulando a linha em torno do malheiro terminado com um nó, depois o malheiro era colocado na frente do nó que novamente seguia o movimento anterior produzindo nova malha e assim seguia o processo, o movimento.

Enquanto crescia, o jovem pescador atentava-se na quantidade de malhas iniciais que devia existir para definir meu tamanho final. Assim que completei meu primeiro ciclo de vida, contemplando as primeiras 25 malhas, o jovem pescador me transpassou malha-a-malha com um barbante que foi emendado nas suas extremidades.

O barbante foi enroscado no galho de uma árvore e eu, em fase de “malhas iniciais”, fui submetida ao segundo ciclo de vida. No segundo ciclo, o jovem pescador adicionou quatro nós em minhas malhas. Dois deles situavam-se na vertical e dois na horizontal. O ofício da minha construção continuava. Agora eu estava dependurada num galho de árvore. Meu início, como se fosse minha cabeça, estava perpassado por um barbante que ficava fixado ao galho e meu restante, talvez meu corpo e pernas, continuavam sendo tecidos pelo pescador. Eu seguia minha estética cônica, ou seja, uma espécie de funil.

As mãos do jovem pescador seguiam um movimento peculiar de um hábil tecedor de tarrafa. A agulha com a linha fazia um percurso circular entre as malhas e o malheiro: Um nó e uma circulada com a linha no malheiro, mais uma vez esse processo, mais outras vezes até completar as 25 malhas iniciais que se ajuntavam no malheiro. Depois elas eram retiradas do malheiro e começava outro processo semelhante. Na minha relação com o jovem pescador, ou seja, nessa relação pescador-tarrafa, existia um silêncio. Da minha parte, ficava aqui na espera de minha conclusão, do meu feitiço final. Da parte do pescador a esperança do peixe, do fruto da água. Nossas subjetividades dialogavam numa espécie de “*ao avesso do silêncio*” como diz Eugenia



Vilela em seu texto “Resistência e acontecimento, as palavras sem centro (2010). O que seria esse avesso do silêncio? Poderia ser esse discurso mudo de *resistência* do pescador em relação à sua existência?

No silêncio de seu ofício o assovio entoa um canto. Um canto da vida que o faz viajar pelo seu território, por sua memória pessoal e coletiva. Lembra da primeira vez que viu um mestre tecendo uma tarrafa quando ele olhava. Agora é ele quem toma o lugar do mestre e se auto reconhece criador. Ele cria as possibilidades de pesca desde a água de onde retira o seu sustento. Ele dá continuidade a uma filosofia de vida. Compartilha com seus descendentes e dá continuidade a um modo de ser e estar no mundo, aos traços de uma antiga tradição. Mergulhado no próprio silêncio, imagina jogando a tarrafa por baixo dos galhos do mangue onde poucas redes conseguem chegar. Sonha com uma tarrafada cheia de peixes pulando nas malhas novas e resistentes. Imagina a hora de chegar em casa e consertar (limpar) os peixes para servir o fruto de seu trabalho. Sente-se realizado e feliz por estar aprendendo a tecer a tarrafa que poucos conseguem desenvolver com destreza! No avesso do silêncio, o pescador vai construindo a sua filosofia, seu modo de resistência, sua identidade territorial e cultural, seu sentido de pertencimento, a continuidade da tradição pesqueira. Potencializa-se à medida que se reconhece um ser de valor e criador de seus próprios “conceitos” e história.

### Malha de acréscimo [2]



A panagem atingiu um ponto de tecimento que marca o início da introdução das malhas de acréscimo. Dali para a frente, as malhas devem se multiplicar até que a *saia da tarrafa*, a parte final, esteja proporcional a parte inicial, pois caso contrário a tarrafa não pescará direito, ou seja, não abrirá inteira no momento de ser lançada à água. A proporção é: 25 malhas iniciais devem



produzir 15 metros de circunferência no final da panagem, conhecida por rodo ou saia da tarrafa. Esta é a minha estética cônica, parte de mim que será lançada à água para capturar os peixes.

O ofício do jovem pescador continua. Sinto meu corpo se espichando, alargando-se na parte de baixo de mim. Enquanto o avesso do silêncio facilita o jovem pescador a lidar com seu saber de experiência, me movimento subjetivamente no avesso do silêncio de minha existência lembrando do livro de Galeano diz que “Na escola do mundo ao avesso o chumbo aprende a flutuar e a cortiça afundar” (Galeano, 2015, p.5). Ao fazer uma crítica ao Sistema Econômico Mundial, Galeano demonstra que a educação latina americana é refém dessa lógica de dominação avessa os valores dos modos de ser humano. O filósofo uruguaio diz ainda que não há escola que não encontre sua contra escola. Nesse ponto, pego-me refletindo sobre a escola de tecer tarrafas. Como encontrar no tecimento uma contra escola? Uma transgressão dessa educação ao avesso? Um descolonizar de olhares da cultura dominante para um olhar do pescador simples, caçara e tecedor de tarrafa?

Pensando nessa contra escola, espaços de resistência e saídas de fugas para a continuidade dos saberes tradicionais, meu tecimento seguia nas malhas de acréscimos ampliando minha estética cônica. A função das malhas de acréscimo é fazer de uma, duas. Elas se multiplicam através de meia malha que é produzida dentro de outra e na região inferior da malha anterior, na posição vertical.

Enquanto meu corpo ia crescendo, o silêncio entre mim e o jovem pescador diminuía permitindo que outro diálogo exterior a mim tomasse força e forma. Era o encontro na “*repona da maré*”, momento do dia quando os pescadores vão para a beira do rio ou praia para aguardar a maré subir e dar início a pescaria. É um momento no qual os pescadores compartilham a vida. Eles atualizam as informações comunitárias e extracomunitárias. Contam histórias, trocam experiências, confraternizam-se, brincam, fortalecem o sentido de pertencimento comunitário,



aprendem com os anciãos os saberes da vida, politizam-se sobre seus direitos de pescadores artesanais, enfim, constroem seus espaços de vida e aprendizados.

Assim como a malha de acréscimo que alarga a tarrafa, expande sua saia, espicha seu tamanho, o espaço de tecimento da rede serve para fortalecer e agregar o conhecimento dos pescadores caiçaras e dar vida aos saberes tradicionais. Nesse ritmo de encontros, trocas de saberes, convivência com o modo singelo de ser pescador segue o feito da tarrafa até sua conclusão. Surge então a panagem [3]!

#### **Entralho [4]**



Fui retirada do galho da árvore e colocada sobre um banco. Minha cabeça aliviou um pouco da pressão que sentia durante o tecimento das malhas. Enquanto descansava sobre o banco, o pescador esticava um cabo entre duas árvores. Nele estavam embutidos chumbos a cada 15 centímetros de distância que faz o papel do peso da tarrafa.

De posse de uma agulha com fio de nylon, um fio diferente do usado na panagem, o jovem pescador passa um nó no cabo esticado. Depois, ele perpassa duas malhas da saia da tarrafa e com auxílio de um marcador ele vai amarrando a panagem no cabo. Esse processo de amarrar a panagem é conhecido por entralho. O entralho varia de acordo com o tamanho da malha da tarrafa e é fixado pela arcala que é o espaço entre um nó e outro ao longo do cabo esticado. No final do entralho, a panagem é toda amarrada no cabo dando um formato de funil na tarrafa, ou seja, uma estética cônica.

#### **Hora de ir para a água**





Ufa! Cheguei ao meu projeto final. Agora serei testada para saber se serei aprovada ou não. Enquanto fico ali na espera do teste, o jovem pescador vai para sua cozinha se aprontar para a pescaria. Toma seu café caiçara com farinha de mandioca e peixe assado na brasa. Depois, coloca o chapéu, arregança as barras da calça e as mangas da camisa. Procura o remo e trava no cabo dele um esgote para tirar a água da canoa. Segue para o porto do rio com passos lentos e carrega a tarrafa nas costas e na sua “ilharga” [5] acompanha um cesto de timbopeva para guardar os peixes.

Desvara a canoa e emproa para o rio. Começa a movimentar-se pela superfície aquosa. A remada é lenta e precisa... Enrolada na proa da canoa, sinto-me uma cartógrafa os diversos conceitos que nascem no balancear da canoa, o barulho do remo na água, o processo (Deleuze, 2013).

De repente, sinto que minha cabeça é puxada pelas mãos do pescador e vou sendo enrolada em seus braços. Meus cabos de chumbadas são divididos de modo que uma parte fica em suas mãos e a outra vai para debaixo do braço. Vieram os movimentos que não sabia ao certo para onde me levariam, mas logo fui lançada à água. Sua força e técnica fez com que eu me transformasse numa circunferência de 15 metros de rodo. Minha forma cônica se fez plena no movimento do lançaço. Impactei-me com a água fria e salobra. Pensei que poderia me afogar, mas fui descendo como uma mônada para o fundo da água, fechada em mim. No silêncio traiçoeiro da profundidade marinha, encobri com minhas malhas resistentes as vivocas, as tainhas, os paratis, os siris e os robalos (peixes).

Eles tentaram sair de mim, mas seus caminhos estavam cercados pelas minhas malhas. Capturei-os e fui puxada com eles para fora da água indo parar dentro da canoa. Enquanto os peixes eram desmalhados de mim, a expressão no rosto do pescador era de alegria e satisfação pela pescaria realizada. Com o cesto de timbopeva cheio de peixes, o pescador retornou para casa. Fiquei no terreiro (quintal caiçara) e fui dependurada numa árvore para secar e esticar melhor minhas malhas.



No fogão a lenha, os peixes foram cozidos e servidos em forma de pirão caiçara. Em torno dele, o pescador agradeceu o dia de trabalho, abençoou o alimento, bendisse a esposa e contou histórias de pescadores aos seus filhos... No terreiro, no silêncio da noite, sigo solitária pensando no meu processo de existência. De repente, sem esperar, sou surpreendida pelo raio da lua nova que sobe majestosa no horizonte do mar. Meus pensamentos subitamente são anestesiados pela beleza daquela noite de luar...





## **Bibliografia**

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Editora 34, 2013.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. N-1 edições, 2013.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. Trad. Sérgio Faraco. Gravuras de José Guadalupe Posada. Porto Alegre/RS. L&Pm Editores, 2015.

GUATARRI, Félix. **As três ecologias**. 11ª. Edição, 2001. Trad. Maria cristina f. Bittencourt. Revisão da tradução; Suely Rolnik. Éditones galilée, 1988.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. 1ª. Edição, impresso em São Paulo. n-1 Edições.org, 2017.

VILELA, Eugénia. Resistência e acontecimento. As palavras sem centro. In: KOHAN, Walter Omar. Foucault 80 anos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, pp.107- 128.

WUNDER, Alik. Infância yudjá e a educação em um mundo vivo: pensamentos em torno do filme Waapa. In: BARREIRO, Alex; CAVALCANTE, Nélia Aparecida da Silva; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Orgs.) **Pesquisas e pedagogias: educação para as diferenças**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

*Recebido em: 20/03/2021*

*Aceito em: 15/04/2021*



[1] Caiçara, professor de filosofia, mestre e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unicamp na linha Linguagem e Arte em educação e no grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Audiovisuais – OLHO. E-mail: pcfranco15@gmail.com

[2] A malha de acréscimo é responsável pelo aumento da tarrafa. Ela é tecida no meio de uma sequência de malhas de modo que uma malha se torne duas. É a malha de acréscimo que dá a tarrafa uma estética cônica.

[3] Panagem é a rede tecida por meio dos nós que junta a linha num ponto comum formando as malhas que vão aumentando devido os acréscimos que por sua vez constitui a estética (forma) cônica da tarrafa. A panagem é tecida no cabe de entralho por meio das arcalas.

[4] O entralho é a amarração da panagem no cabo que acolhe equidistantemente os chumbos da tarrafa. É a arcala que junta a panagem ao cabo de chumbeiro.

[5] Região da costela (lateral do corpo) onde a tarrafa encosta quando é transportada.